

Ao retornar Osório da Campanha do Paraguai, após tão dura lida, a Nobreza de então, toda reunida, vai relatar dos seus a férrea sanha. D. Pedroouve curioso e é tamanha a atenção, mas... a história é tão comprida que, cochilando diz: – lhe é devida em parte essa vitória, a guerra ganha. – Osório solta a espada que, indo ao piso, accorda o Imperador que, de improviso, diz-lhe: – No Paraguai também caia! Ele responde então: – Não, Majestade! E deverei lembrá-lo que a verdade é que, no Paraguai... ninguém dormia... José Teodoro Neto, O Cochilo do Imperador, em Fanal 0409, nº 589

O mundo esborou num certo dia, quando a cigarra o canto prolongava e prolongava em tom de uma agonia lembrando a morte e a morte ela chorava... E quando o entardecer se despedia em nostalgia... e a noite já chegava... E quando o rio a um fim que não queria, mais perto, bem mais perto, o esperava... Foi quando numa dóida despedida, fluindo o pranto da fatalidade, que o pior aconteceu, a toda brida: esborou o mundo na saudade, e na saudade o amor teve guarida... mas nunca mais viveu felicidade! Leonilda Hilgenberg Justus, Lamento: de Pedra Sem Fendas, 2002

Porque vienes de lejos ¡cómo vienes cansada! Entra y bajo mi techo encontrarás descanso, jamás he sido amado, camino mustio, canso, tu vives siempre sola, que nunca fuiste amada. La nieve ha recubierto, intensa, la calzada, y mi cuarto es caliente como un nido, y es manso. ¡que mansamente puede servirte de remanso hasta que en los caminos se encienda la alborada! Mañana, en la mañana fresca y esplendorosa, la desierta calzada, en su horror infinita, se llenará de luz ¡oh mi nómada hermosa! Ya no será tan yerma nuestra melancolía: ha de quedar conmigo tu nostalgia bendita, y has de llevar contigo una nostalgia mía. SF9805 Aleeo Wamosy, Dos Almas: de Sonetos Brasileños traducidos por Alvaro de Las Casas – ABL 1938

El alma trémula y sola padece al anochecer: hay baile; vamos a ver la bailarina española. Han hecho bien en quitar el banderón de la acera; porque si está la bandera, no sé, yo no puedo entrar. Soberbia y páfida llega: ¿Cómo dicen que es gallega? Pues dicen mal: es divina. Lleva un sombrero torero y una capa carmesí: ¡Lo mismo que un aleli que se pusiese un sombrero!

Diz que o asilo é um paraíso e, ao tom de voz convincente, o filho, ao ver seu sorriso, nem supõe que a mãe lhe mente... Daryl O. Barros, em Trovaregre 0409

A saudade viverá, na longa estrada do idoso. Quem não morre... chega lá: o fiel, o ingrato, o vaidoso... Dina Marchetti Abad, em Fanal 0011

Assim banhada de lua, em um silêncio encantado, a velha matriz da rua guarda o perfil do passado. Domitilla B. Beltrame, em Fanal 9502

O meu coração moleque, este eterno sonhador, nunca tomou um pileque mas vive tonto de amor. Joaquim Garcia Lopes, em Fanal 9511

Execro a patifaria, não me ilude a ambição, nem a fama me inebria, nem troféu, nem medalhão!... Pedro Grilo, em O Pitiguari 0402

O vinho e o homem, parece faces da mesma moeda, quando um dos dois envelhece se torna suave ou azeda. Ziver Ritta, em Fanal 0011

Doze de Outubro! Entre gritos de crianças voam pombos na praça... Cleice Pontes

Canecas de lata... Soltam bolhas de sabão crianças descalças. Fanny Dupré

Ao toque da fábrica andorinhas fazem festa no céu da cidade. Francisco Handa

Abraço sincero dum aluno travesso: Dia do Professor! H. Masuda, Goga

Lua nublada arrasta a cauda de tule procição de nuvens. Pésce Rozenblit

Quinze de outubro: no pátio do colégio, as pombas famintas. Teruko Oda

Arco-íris vernal! Fixei os olhos no céu sumiu num instante. Tomoko Narita, Sabá

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI) PRIMAVERA

Esquadriha ao céu, desenhando com fumaça, Semana da Asa. Ailson Cardoso de Oliveira	No Dia do Agrônomo, pai e filho se abraçando, trocam gentilezas. Ercy M. M. de Faria	Exposto o cartaz de eventos pra molecada. Dia da Cultura! Maria de Jesus B. de Mello
Somente o silêncio pelas ondas onduladas. É Dia do Mar. Alba Christina	Guri brinca em casa com seu armodelo... – Semana da Asa. Fernando L. A. Soares	Fundo de quintal. Entre salsas e tomilhos, sálvias em destaque. Maria Madalena Ferreira
Inquietos toques dos colibris, no jardim, espalham perfumes... Amália Marie Gerda	Colheiteira quieta e o celeiro abarrotado. Dia do Agrônomo. Fernando Vasconcelos	Sob a pequena árvore, chão salpicado de amoras... já pisoteadas. Maria Regina Labruciano
Ao anoitecer cala a chilrada nas árvores vai-se mais um dia. Amauri do Amaral Campos	Soa melodioso o chilrar dos muitos pássaros na árvore da praça. Flávio Ferreira da Silva	No Dia do Mar marinheiro aproveita pisar terra firme! Mariemy Tokumu
Criança gritando ao entrar no consultório. Dia do Dentista. Analice Feitosa de Lima	Manhã de sol. Colibri beijá todas as flores voando até de ré. Helvécio Durso	Janela emoldura. Brisa à beira do riacho, em meio ao salgueiro. Nadyr Leme Ganzert
Pequena gaiola... um casal de colibris olhando os ovinhos. Anita Thomaz Folmann	A rã, assustada, mergulha no fundo charco. – Ventania forte! Humberto Del Maestro	Ônibus lotado estaciona em frente à igreja. Dia da Padroeira. Olga dos Santos Bussade
Sempre esvoaçando, num zumbido irritante, a vespa insiste. Cecy Tupinambá Ulhôa	Velho jatobá no canto da encruzilhada, na véspera deserta. João Batista Serra	Tarefa escolar. Crianças pegam girinos, vasculhando um poço. Olíria Alvarenga
Dia da Cultura, biblioteca vazia; lendo um livro, um velho... Daryl O. Barros	Pássaros chilrando lá nas árvores floridas pois é primavera. Jorge Picanco Siqueira	Fazem festa no ar uma porção de aeronaves. Semana da Asa. Renata Paccola
Hora do almoço, tem arroz com mexilhão. Tenho água na boca... Djalda Winter Santos	Andorinha, às pressas, vem e vai e vem ao ninho... Filhotes famintos! Leonilda Hilgenberg Justus	Jardineiro rega arbustos ornamentais. Erica enflorada. Roberto Resende Vilela
Chilrada na árvore. Ocultos pela folhagem, filhotes no ninho. Elen de Novais Felix	Romaria intensa, não dando conta a basilica. Dia da Padroeira. Manoel F. Menendez	Salgueiro na estrada. As suas pontas baixas querem ir também comigo. Sérgio Francisco Pichorim

SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.10.04, quigos à escolha: Ano Novo, Begônia, Lesma.

Remeter até 30.11.04, quigos à escolha: Acará, Alamanda, Entrudo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), seu único principal motivo: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais exluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fiável entendido, *só treinando*.

No Quadro Final, orientaremos sobre os trevos de Haicus em Folha visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez, Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132, 01150-011 - São Paulo, SP ou mfmnenendez@ig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinónimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinónimos referentes à natureza.
2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. Sete dias após remessa do rol pra escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, pra apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

O resultado (sonatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVOS À OCIDENTAL * – TREVOS PERSONAGEM *

- É nome francês. Festival de vento agitando toda terra. Semana da Asa. Alba Christina
- Buganvília bem florida. Chuva perfumada banhando as flores na terra. Só na primavera... Alda Corrêa Mendes Moreira
- Viva a primavera! Chama flores a primavera! Alda Corrêa Mendes Moreira
- Agostinho José de Souza
- Flor de araucária, beleza da natureza de grande esplendor... Ailson Cardoso de Oliveira
- Chuva perfumada banhando as flores na terra. Só na primavera... Alda Corrêa Mendes Moreira

HAICUS EM FOLHA

Prejúncio de sol. À porta do novo dia, canta a corruira. Roberto Resende Vilela	Sob o olhar do sol um casal de corruiras namora num galho... Daryl O. Barros	Canta a corruira perto do velho galpão – espreitando a aranha. Maria Regina Labruciano
Por entre o ciclame o vento passa agitando pétalas azuis. Analice Feitosa de Lima	Dia da Criação muitos beijos na boneca... um só para a mãe. Anita Thomaz Folmann	Dia da Criação gritos e risos no parque a gangorra range. Amauri Amaral Campos
Hoje o pintor-sol dentre as cores do poente escolheu ciclame. Angélica Villela Santos	Jardim de ciclams. Borboletas atraídas se mesclam às flores. Djalda Winter Santos	Dia da Criação – com pirulito na mão passeio no parque. Maria Regina Labruciano
Corridas e gritos, lazer no pátio da escola. Dia da Criação. Manoel F. Menendez	Olinhos bem vivos esperando algum presente: Dia da Criação. Djalda Winter Santos	Buscando alimento, corruira em movimento. Pausa musical. Manoel F. Menendez
Entre o que sobrou de uma casa centenária viceja o ciclame. Roberto Resende Vilela	No vago de barro – no laso todo delgado o ciclame rosa. Maria Regina Labruciano	Raio de luz atravessa a vidraça ciclame ao sol. Larissa Lacera Menendez
Poleiro balança. Corruira na gaiola procura espaço. Cecy Tupinambá Ulhôa	Netinhos à volta, alegre vovó festeja Dia da Criação. Alda Corrêa M. Moreira	Morno, escorre o dia. Nas árvores do quintal cantam corruiras. Walma da Costa Barros
Encobrindo o sol se estende um manto alado... corruiras voam. Anita Thomaz Folmann	Com seu longo bico, a corruira procura insetos e larvas. Alda Corrêa M. Moreira	Comemoração. Sorrisos por toda parte. Dia da Criação. Analice Feitosa de Lima
No álbum, a foto: com ciclams nos cabelos, sorri a menina. Walma da Costa Barros	Da minha varanda ouço o canto da corruira. A tarde se esvai. Walma da Costa Barros	Botões de ciclame eclodem de longos talos colorindo a sala. Daryl O. Barros
Após a chuva sobre o caule do ciclame formigas caminham. Edmilson Felipe	Parquinho lotado. Não há tarefa de casa. Dia da Criação. Renata Paccola	Balões e presentes. Crianças brincam no pátio. Hoje é seu dia. Cecy Tupinambá Ulhôa
O roxo bem claro do ciclame todo em flor enfeitou o jardim. Alda Corrêa M. Moreira	O ciclame cresce colorindo a paisagem atraí beija-flor. Amauri Amaral Campos	Homem aparece na cabeceira da roça. Corruira foge. Analice Feitosa de Lima

No Dia do Agrônomo, as hortas, verdes jardins, brilham mais felizes... Amália Marie Gerda
Frutos sazoados. Delicias da natureza. Chuva criadora. Analice Feitosa de Lima
A 12 de outubro todo o Brasil se ajoelha. Dia da Padroeira. Angélica Villela Santos

Em meio ao jardim ouço o bem-te-vi. Será que ele ainda se lembra?... Ediléine B. L. Pinto
Pipa no céu azul. Momentânea eternidade, mais alto que os pássaros. Eduardo Lopes Vieira
Belas buganvílias que tens a cor das manhãs; rimando alegria. Elen de Novais Felix

Com cerimônia... os galhos de buganvília ocultam na janela. Hazel de S. Francisco
É Dia da Padroeira. sinos dobra sem cessar. Foguetes aos céus! Helvécio Durso
É o Dia do Mar. No mais profundo silêncio, festa de Netuno!... Hermoclydes S. Franco

No Dia da Ave, lei publicada: Viveiros com portas abertas. Leonilda Hilgenberg Justus
Sem dormir, agüento * ouvindo o triste lamento de um chorão ao vento... Luis Koshitiro Tokutake
Martelando espada * araponga com seu canto corta os pensamentos... M. U. Moncam

Dia do Professor, dia de ficar à toa ...em festa e seresta! Mauro Macedo Coimbra
Cores e perfumes * contágio da Natureza a moda vernal. Miguel Jorge Malty
Vingança da vespa. Deixa, quando atacada, dolorido ferrão. Nadyr Leme Ganzert

No Dia do Dentista, clientes que não aparecem... Telegramas... flores... Anita Thomaz Folmann
Semana da Asa! Lembrança de um grande feito sobrevoa os ares... Ercy M. M. de Faria
Na beira do manguê a lata esconde o siri: milagre da vida. Héron Patricio

Tempo de amora. Camisa toda manchada. Infância feliz! Cecy Tupinambá Ulhôa
Trinado porfia, separa mundo animal, Dia da Ave cria. Fernando L. A. Soares

Em nome da vida outro apelo da saúde: Dia da Vacina... Daryl O. Barros
Com a flor de café "plantação vestiu o branco". Brasil tem divisas. Fernando Vasconcelos

Nasce a menininha. Torna-se uma cidadã: no registro é Erica. Djalda Winter Santos
Dentes à espera prontos pra comemorar: Dia do Dentista. Francisca Silva

Tu gostas de amora? Com certeza tu namora... Infância de outrora. José Walter de Fonseca

Um nome bonito que também é de mulher, o da planta erva. Maria App. Picanco Goulart
Ter um livro é ter um companheiro fiel em todas as horas!... Maria Madalena Ferreira

Pintam-se em telas * trem chegando ao meu recanto: pinhais à janela... Mariemy Tokumu

Buganvília em flor * caramanchão no jardim visita de abelhas. Olga Amorim
Nevens tristes choram... É chuva de primavera no meu coração. Olga dos Santos Bussade

Indefesa, tomba * a milenar sibipiruna! Chora o sertanejo. Olíria Alvarenga

Dia da Vacina ° é data muito importante. Crianças saudáveis. Regina Célia de Andrade	Bem-te-vi cantando * músicas da natureza no baile entre as flores. Renata Paccola	Futebol, novela, ° pinga e tantos outros dias...? Pobre Dia do Livro. Rodolpho Spitzer Júnior	A flor de café ° vai ser fruto estimulante de bom paladar! Santos Teodósio	Gotas criminosas ° do jacarandá em flor pétalas no chão. Sílvia Sam	Tarde que se esvai. ° Para mirar-se no rio verga-se o salgueiro. Walma da Costa Barros	É Semama da Asa??? ° De tanto fitar o céu, olhos lacrimosos. Yedda Ramos Maia Patrício
Cheguei ao Cinquentenário! Fui um <i>fanal</i> toda vida, e vejo, no itinerário, a minha missão cumprida. Adélia Victória	De amores embevecida, a mãe, com todo o seu brilho, põe de lado a própria vida para viver a do filho. Analice Feitoza de Lima	Acomodada a um banquinho, o meu ranginho é um banquete, porque à luz do lampiãozinho meu ranchinho é um palacete. Dorothy Jansson Moretti	Vi colibris multicores nos jardins junto às igrejas, beijando todas as flores do jeito que tu me beijas. Josué Anacleto Vieira	Seja a cautelosa um escudo quando te alcancem a taça, que há droga escondida em tudo: até mesmo em quem te abraça... Lacy José Raymundi	Brasil, só 500 anos! Menino que mal nasceu, eu Fanal no Altiplano: é a única coisa, no mundo, que posso dar sem a ter. Ziver Ritta	
Há nas tramas da mentira uma réstia de bondade: sempre existe quem prefira nunca saber a verdade. Miguel Russowsky	Não é chuva de verdade, não é água desumana; é pranto de uma saudade a garoa paulistana... Noemise Machado França Carvalho	E quedo muda a cismar perante tanta beleza, pois o milagre de amar é jóia da natureza! Sylvia Reys	Ela, a quem tanto eu amava e a quem busquei, não foi minha: negando a paz que faltava, levou embora a que eu tinha. Walter Waeny	São Paulo dos Bandeirantes, de ser teu filho me orgulho, terra nobre de gigantes, do honrado Nove de Julho. Wilson de Oliveira Jasa	Felicidade, segundo ouvi alguém já dizer, é a única coisa, no mundo, que posso dar sem a ter. Ziver Ritta	

fanal n° 589, 0409: Rua Álvares Machado 22, 1°, CEP 01501-030 – São Paulo, SP; Fone/Fax (011) 3208-9569

F A R Ó I S

Os dois faróis abriam pontos luminosos bem lá em cima, no cocuruto do morro enorme e meio distante.

Em um ponto qualquer do vargado, à varanda do bangalô, Lília olhava ansiosa aquela elevação em que zigzagueava a rodovia.

Os faróis criavam leques de luz, que se fechavam em estreitas faixas, para se reabrir, em seguida. E desciam e se aproximavam. Lília esperava, inquieta, acomodada na cadeira de

vime, sobre almofadas coloridas, com fundo em bordados.

Além, a natureza dava o seu misterioso recado de trevas, na noite sem luar. Os faróis, vistos cá de baixo, pareciam fachos incertos, no coração dos céus.

Para Lília, eram a esperança. Ele estava voltando e, em pouco iria abraça-la ternamente. Seus olhos doces conflituavam com a expressão de permanente amargura. O agridoce muito comum

no amor.

Os faróis foram engolidos pelo último lançante de morro, deixando a escuridão reinar. Brotaram-se, depois, no abrir da várzea e galoparam velozes, na reta infinita. Passaram ligeiros pela frente do bangalô, fazendo garatujas, como estranhos lenços cinzas em adeus, no terreiro bem cuidado da fazenda.

Lília quedara-se de novo. Ficaria ali por outras horas, esperando a chegada do Amarildo. Sua

vida era aquela espera que lhe afogava as faces venerandas, na esperança ilimitada.

Amarildo era seu esposo e partirá há trinta anos, para resolver uns negócios na capital. Estava para chegar, a qualquer momento.

Eram dez horas, quando sua filha Gilda a pegou pelo braço e a levou para a cama, dizendo estar na hora de dormir. Ela foi, sem qualquer relutância, mas continuou na cadeira de vime, contando os faróis da estrada e esperando a volta de Amarildo.

O S D O I S L A D O S D E U M A Q U E S T Ã O

Jandira abriu a porta de mansinho. Ganhou a rua e seguiu em direção a estação ferroviária. Há três anos estava casada com o Armando e ele não lhe perdoava por não lhe ter dado um filho.

Na verdade, a sua vida tornara-se um inferno. O marido não lhe dava paz. Estava sempre ameaçando de arranjar outra mulher que não fosse árida, para ter um filho, como em todo lar que prestasse..

Agora, ele cumprira a promessa. Mantinha um caso com outra e

não procurava esconder tal procedimento. Chegou ao ponto de deixar faltarem as coisas em sua casa. Jandira reclamou contra aquela situação e terminou apanhando. Sentiu que não poderia continuar.

Quando falou em separação, ele bateu palmas e procurou humilha-la. Terminou dizendo que era bom que ela desse o fora mesmo, deixando que ele fosse feliz com uma mulher de verdade.

O trem levou Jandira para outra cidade. Lá vivia sua mãe viúva. Recomeçou a vida. Conheceu o Lucas, um homem educado, muito bom e solteiro. Resolveram levar uma vida a dois.

Armando não conseguiu o filho que tanto queria, embora vivesse junto com a outra, por mais de dois anos. Casualmente, indo àquela cidade onde morava Jandira, a viu passar. Sentiu um estremecimento. A mulher estava grávida. Um filho de Lucas.

Q U E M É Q U E M . . .

Quarto típico de estudante universitário da classe média estável, em manhã de domingo. A quitinete inteira era uma tremenda bagunça. Um retrato perfeito dos acontecimentos da véspera.

No ar o cheiro forte de orgia e uma nota pendente da melodia interrompida, na fita partida, ainda no gravador. Uma calcinha amarela, que alguém se esqueceu de vestir, antes de se arrancar, pendia, como estranha bandeira, no botijão de gás.

Raul, estirado no chão, era uma figura nua, em meio à desordem

geral. No centro da cama vazia, uma mancha de sangue criava uma indagação. Ali deveria ser o altar do sacrifício sexual, onde foram colhidas premissas, enchendo de novidades os olhos sonhadores de alguma menina frutificada do acaso, naquela noite de sábado.

Na verdade, era apenas o sinal deixado pelo sangue que jorrou do dedo do Genesco, companheiro de Alice, quando cortou-se com a faca, sentado à cama, ao tentar abrir uma garrafa de rum. Alice, formada em enfermagem, fez um curativo, no ato, com a Mirtes,

de 15 anos, dando gritinhos nervosos, como se fosse em sua mão.

Se sucederam noites de sábado, novas parceiras e novas manhãs de domingo iluminando de sol a desordem da quitinete. Mas, foi numa tarde de quinta-feira, que o padrao de Mirtes procurou Raul, comunicando-lhe que ele seria pai.

Nasceu muito forte e bonitinho o pequeno Genesco, mas ninguém sabe por onde anda o Raul.

E S T A Ç Õ E S D A V I D A

A primavera brincava de cores na paisagem vista da janela do quarto de Anita, cuja alma vivia a complicação dos sonhos juvenis. Era final de setembro. Um sol muito amarelo espiava das grimpas e filtrava raios nas frestas dos tetos de folhas das árvores, criando rabiscos no chão.

À noite, haveria um grande baile e estaria movimentado o clube social da pequena cidade. Anita mal podia esperar. Não tinham muitas atividades por lá. Além da movimentada pracinha,

colocada como uma espécie de adro da igreja matriz, onde as pessoas, principalmente as mais jovens, se reuniam todas as noites, pouco se tinha onde ir. Era grande o número dos fiéis que assistiam a missa vespertina, diariamente celebrada.

Os bancos da praça ficavam ocupados, em sua maioria, por casais de namorados, o restante das pessoas andando em vaivém, ou de pé junto às árvores abundantes.

Veio a noite e o clube, fortemente iluminado,

tinha o amplo salão radioso em atavios, com uma tônica de flores, bem própria daquela estação do ano. Uma grande atração era a orquestra Cassino de Sevilha, especialmente contratada.

Anita chegou um pouquinho antes do baile ser iniciado. Estava linda, em traje azul suave, que contrastava harmoniosamente com seus cabelos sol e combinava com seus olhos céu. Arrastou todos os olhares, ao atravessar a sala, em direção à mesa reservada por seu pai. Começava uma

noite inesquecível.

No dia seguinte, Anita deixava os olhos perderem-se distraídos, sorvendo os encantos com que se pavoneava a natureza primaveril. A agitação dos sonhos não lhe alterava a calma. Era toda tranqüilidade e doçura.

A partir dali, recebeu-se cismadora, num mundo de secretas cogitações. Não se sabe porque a decisão, mas, é hoje uma das irmãs vicentinas que cuidam de um asilo, no Peru.

Fernando Vasconcelos, quatro contos de Eu Conto, 2003. Contatos com o autor: Fernando Vasconcelos, Rua São Josafat 389, CEP 84053-310 – Ponta Grossa, PR

A CEGUEIRA DA VISÃO

Poucas cenas me revoltaram tanto como uma que presenciei durante alguns minutos e da qual creio ter sido a única espectadora. Em meio a dezenas de pessoas que nem prestavam atenção.

Um cego caminhava com dificuldade, tateando o chão com sua bengala e, logo à sua frente, um homem, abaixado, brincava com seu filhinho. E nada via.

O cego, percebendo o obstáculo ao toca-lo com o bastão, teve de se desviar. E o homem continuou imóvel, admirando o filho. Sem nada ver. Pobre criança!

Cada instante do dia-a-dia, doce ou amargo, recheado de fatos e sensações, coberto com feitos, é a vida ou a vivência de uma história à parte.

O carrossel vai girando

e as crianças felizes montadas em seus cavalinhos, mal sabem que um dia poderão girar num carrossel de verdade e se desesperiarem com os pensamentos que, como os ponteiros de um relógio, rodam, rodam e acabam voltando sempre para o mesmo lugar.

Ai, que saudades do que eu era, da inspiração fora de hora, do aqui e agora...

Ai, que saudades da vida, perdida na hora de sua partida.

Em minhas noites vazias, repletas de vazios espaços, olho sua fotografia e penso no quanto eu queria que você saísse de dentro dela e corresse para os meus braços!

ADOLESCÊNCIA

No vestiário do clube, duas meninas conversavam após o banho.

Uma delas já mostrava os primeiros sinais da puberdade. A outra, ainda criança, mascava chicletes enquanto penteava o cabelo.

– Não sei mais o que fazer com esse cabelo. Não pára no lugar.

Trocavam informações sobre como era o relacionamento de cada uma delas com a respectiva mãe.

– Minha mãe me deixa fazer tudo o que eu quero. Eu até falo palavrão e ela não liga.

– A minha às vezes não me deixa sair. Mas ai eu me arrumo, e ela no fim acaba sempre me deixando. Minha mãe é um amor.

Estranhei o tom de igualdade com que a mais velha tratava a precoce. Teriam a mesma idade? Tive uma imensa curiosidade de perguntar, mas não quis passar a imagem enredadora

das pessoas mais velhas. Restringi-me a sorrir para a menorzinha, que retribuiu com a irradiante alegria de quem está começando.

E saí de lá com uma saudosa vontade de mascar chicletes.

O Bar do Zé é o quadro do André e o poema do Mané.

No Bar do Zé a gente faz o que quer, a gente bebe devagar, a gente canta o luar, a gente senta no balcão e espera o tempo passar.

No Bar do Zé ninguém fica de pé.

No bar do Zé também tem café, também tem bilhar, também tem mulher.

No Bar do Zé a gente paga quando puder.

Pro Bar do Zé todo mundo quer voltar.

CARNAVAL

No Carnaval, não estava de múmia fantasiado; a verdade é que eu ficava na serpentina, enrolado!

Para curar todo o tédio de nossas paixões daninhas, contra os cravos e as espinhas, tempo... o único remédio.

Conselho às mulheres sobre como tratar os homens: aos vinte anos, seja linha-dura; aos trinta, ame com doçura; aos quarenta, ame com loucura; aos cinquenta aos setenta, ame com candura; dos setenta aos noventa, ame com atadura; a partir dos noventa, ame na sepultura!